

Um panorama da educação superior em turismo no Brasil com base nos resultados do ENADE 2006 e 2009.

Vinicius Lino Rodrigues de Jesus¹

Resumo: Após quarenta anos do surgimento do primeiro curso em turismo no Brasil, celebrado no ano de 2011, o panorama da educação superior em turismo no País, passou na última década de um momento de grande expansão e euforia, para uma situação de redução tanto da oferta de vagas, como da procura pela profissão de turismólogo, justamente em um momento que a profissão é reconhecida no País e as vésperas de dois grandes eventos esportivos, que pretendem inverter a situação de estagnação que se encontra o turismo internacional nos últimos anos. Em função deste quadro, este artigo pretende resgatar alguns dados consolidados sobre a educação superior em turismo de 2000 até 2010 e junto com os resultados dos exames do ENADE de 2006 e 2009, parte do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior, analisar mais profundamente qual a real situação dos cursos superiores de turismo na última década.

Palavras-chave: Avaliação. Educação Superior. ENADE. Cursos de Turismo. MEC.

INTRODUÇÃO

O ensino superior de turismo no Brasil completou em 2011 quarenta anos, com a criação do primeiro curso na Faculdade de Turismo Anhembi (SP) no ano de 1971. Durante todo este período o ensino em turismo passou por várias transformações, primeiro com a consolidação do ensino nas duas décadas iniciais, depois com a forte expansão do ensino a partir dos anos noventa, em especial pelo setor de educação privada e finalmente pela adequação da oferta de cursos que vivemos nos últimos 5 anos.

Diversos estudos buscaram analisar a evolução do ensino no Brasil, sendo um dos pioneiros o trabalho de ANSARAH & REJOWISK (1996), em que fizeram um panorama do ensino em turismo

¹ Bacharel em Turismo e Mestre em Integração da América Latina, ambos pela Universidade de São Paulo e Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail para contato: vini51@hotmail.com.

no Brasil a nível de graduação e pós-graduação, seguido de estudos de DENKER (2002 & 2006), MATIAS (2002 & 2012), entre outros.

Todavia, ainda são poucos os trabalhos que analisam a evolução dos cursos através do sistema de avaliação vigente, Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), que foi aplicado aos cursos de turismo pela primeira vez em 2006, depois em 2009 e será aplicado novamente em 2012. Atualmente, a avaliação dos cursos superiores, segundo a Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, é do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), do Ministério da Educação e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (MEC/Inep). Essa avaliação engloba três componentes: as instituições, os cursos e o desempenho dos alunos. A ideia é que essas avaliações gerem um panorama da situação dos cursos e das instituições de ensino superior do país.

Esse artigo propõe-se a analisar os resultados dos últimos 2 exames, e junto com dados da evolução dos cursos no país, compreender melhor a situação em que se encontra a educação em turismo no Brasil, bem como, criar uma base para comparar com o próximo exame, a se realizar em 2012.

1. O SISTEMA DE AVALIAÇÃO DE CURSOS SUPERIORES NO BRASIL

Os diferentes procedimentos para avaliação de cursos e instituições de ensino superior (IES) no Brasil vêm apresentando uma evolução constante e consistente. O Exame Nacional de Cursos (Provão), realizado no período de 1996 a 2003 com estudantes formandos de graduação, foi a primeira tentativa visando a avaliar o processo de ensino-aprendizagem de cursos de várias áreas. Em 2004, o Provão foi substituído ENADE, que dividiu um conjunto mais abrangente de cursos em três blocos, avaliando apenas um desses blocos a cada ano.

Diferentemente do provão, que avaliava todos os formandos de um conjunto de cursos universitários, o ENADE, é aplicado a uma amostra de concluintes e outra de ingressantes. Esta segunda forma de avaliação foi criada para responder principalmente às críticas de universidades particulares que sustentavam que o Provão baseava-se apenas no produto final, sem considerar o desempenho dos alunos ingressantes.

Com essa abordagem, o ciclo de avaliação se completa em três anos. O ENADE é parte do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior, tendo sido proposto em 2003 e formalmente instituído pela Lei n. 10.861, aprovada em 2004. O Sinaes também inclui uma autoavaliação das instituições, uma avaliação externa do corpo docente e da infraestrutura e uma avaliação específica de cada curso de Graduação, realizada por avaliadores selecionados pelo MEC.

A prova do ENADE é dividida em duas partes. A primeira de Formação Geral (FG) consiste de 10 questões, sendo duas discursivas e oito objetivas. A segunda de Componente Específico (CE) é composta por 30 questões, entre discursivas e objetivas. A prova tem duração de quatro horas e foi aplicada, em 2006, a amostras de ingressantes de cursos de Graduação, com 7 a 22% da carga horária do curso concluída; e de concluintes com pelo menos 80% da carga horária do curso concluída e em 2009 a todos os alunos inclusos nestes critérios. Os conceitos 1 e 2 são considerados baixos, o conceito 3 é considerado regular e os níveis 4 e 5 são classificados como altos.

Além do ENADE também foi adotado o Indicador de diferença de desempenho (IDD), onde os candidatos são avaliados em relação ao desempenho médio esperado para estudantes em condições supostamente semelhantes. O índice IDD representa a diferença entre o desempenho médio dos concluintes relacionado com os resultados médios de outras IES, cujos ingressantes tenham perfil semelhante. Em tese, esse parece ser um indicador mais justo do que o conceito ENADE, pois leva em conta o perfil dos candidatos, promovendo, assim, uma concorrência entre indivíduos supostamente nivelados quanto às condições de entrada (BRASIL, 2006).

Para agregar ao processo de avaliação da educação superior critérios objetivos de qualidade e excelência dos cursos, o Inep criou um novo indicador em 2008, o Conceito Preliminar de Curso (CPC), que vai de 1 a 5 e, como o próprio nome diz, é um indicador prévio da situação dos cursos de graduação no país. De acordo com o MEC, para que os valores se consolidem, e representem efetivamente o que se espera de um curso em termos de qualidade e excelência, comissões de avaliadores farão visitas in loco para corroborar ou alterar o conceito obtido preliminarmente.

O Inep faz a divulgação do CPC anualmente, junto com os resultados do ENADE. Operacionalmente, cursos que obtiverem CPC 1 e 2 serão automaticamente incluídos no cronograma de visitas dos avaliadores do Inep. Os demais casos, ou seja, cursos com conceito igual ou maior que 3, podem optar por não receber a visita dos avaliadores e, assim, transformar o CPC em conceito permanente.

O CPC combina diversas medidas relativas à qualidade do curso: as informações de infraestrutura e instalações físicas, recursos didático-pedagógicos e corpo docente oferecidas por um curso; o desempenho obtido pelos estudantes concluintes e ingressantes no ENADE; e os resultados do IDD.

2. DADOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TURISMO ENTRE DE 2000 À 2010.

Conforme apontado anteriormente, os cursos superiores de turismo no Brasil surgem na década de 70, e durante as primeiras duas décadas vai se consolidando no quadro do ensino superior no Brasil, sendo que no ano de 1990, existiam 25 cursos de graduação em turismo no país (ANSARAH & REJOWISK, 1996). Já ao final dessa década, no ano de 1999, o número de cursos ofertados eram 4 vezes maior, com um total de 102 cursos, momento este em que o país ultrapassava pela primeira a barreira dos 5 milhões de visitantes internacionais e vivia um bom momento econômico, em função de fatores diversos, como a estabilidade da moeda, abertura do mercado nacional, controle de inflação, etc.

Porém o verdadeiro “boom” dos cursos ocorreria na década seguinte, onde já no ano de 2000 o MEC apontava a existência de 283 cursos, um salto de 183 cursos em apenas 1 ano, ou seja, equivalente a abertura de 1 curso a cada 2 dias. Nos anos que se seguiram houve um franco crescimento dos cursos, até alcançar o número máximo de 526 cursos no ano de 2007, dos quais 88,97% eram privados e 11,03% públicos. Desde então este número tem-se reduzido e, de acordo com os dados de 2010 este número já é de 343 cursos e existe uma tendência de redução ainda maior.

Entretanto se observarmos o crescimento em função da categoria administrativa, vemos que as IES públicas têm crescido constantemente desde o ano de 2000, em uma taxa de

crescimento relativamente estável, a exceção do ano 2009, que sofre uma redução, mas compensada por um crescimento maior em 2010, ao contrário das IES particulares, que cresceram rapidamente até o ano de 2007, e desde então apresentam uma taxa de redução significativa, voltando aos níveis do ano 2000 e com tendência de redução ainda maior da oferta de cursos de turismo. Desta forma, vemos uma participação crescente dos cursos de turismo ofertados por IES públicas, em sua maioria universidades, que apostam nesta área nos seus planos de expansão, estimuladas principalmente pelo Programa de Apoio de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), iniciado em 2003 e com previsão de finalizar em 2012, com o objetivo principal de ampliar o acesso e a permanência na educação superior.

Quadro 1 - Número de Cursos de Graduação Presenciais 2000 - 2010

Ano	Número de cursos	IES Públicas	IES Privadas
2000	283	19	264
2001	302	20	282
2002	377	27	350
2003	430	34	396
2004	461	38	423
2005	476	39	437
2006	486	48	438
2007	526	58	468
2008	501	59	442
2009	344	51	293
2010	343	68	275

Fonte: Sinopse Estatística e Microdados do Censo da Educação Superior de 1995 a 2010 MEC/INEP/DEED

Um olhar mais atento aos dados nos permite verificar que embora o ano com maior oferta de cursos tenha sido em 2007, o auge da oferta de vaga oferecidas nos cursos de graduação presencial foi no ano de 2004, com quase 60.000 vagas ofertadas, assim como foi o ano com maior procura por parte dos candidatos, cerca de 82.000 com uma redução constante tanto da oferta de vagas, com exceção de 2005, e de procura por parte dos futuros alunos.

Entretanto, os sinais de que havia um excesso de oferta são ainda anteriores, em 2001 e 2002 entraram nos cursos mais de 25.000 alunos, alcançando o pico em 2002, a partir de então houve uma redução constante até 2009. Porém os dados apontam um leve crescimento no ano de 2010, talvez por influência dos grandes eventos que o país sediará nos próximos anos, talvez um indicativo de estabilidade no número, tendência que poderá ser confirmada com a divulgação dos dados de 2011.

Quadro 2 - Cursos de Graduação Presenciais – Vestibular e outras formas de ingresso 2000 - 2010

Ano	Vagas oferecidas	Candidatos inscritos	Ingressos
2000	28.098	63.689	19.011
2001	38.386	68.356	25.229
2002	49.572	78.678	25.636
2003	55.535	79.808	24.441
2004	59.137	81.995	20.964
2005	50.352	59.683	17.050
2006	53.322	58.125	15.074
2007	51.123	50.297	13.557
2008	46.586	50.443	11.380
2009	34.343	30.085	7.209
2010	29.784	38.783	8.583

Fonte: Sinopse Estatística e Microdados do Censo da Educação Superior de 1995 a 2010 MEC/INEP/DEED

Outro dado importante diz respeito ao número de matrícula e de concluintes, onde percebe-se que o ano de 2003 foi o que teve maior número de estudantes matriculados, chegando a quase 70.000 mil alunos, e que o número de 2010 é inferior que o de 2000. Se comparado com a oferta de vagas, vemos que quase se equivalem, ou seja, como os cursos possuem um tempo de formação que varia entre 3 a 4 anos, na média os cursos estão com uma ociosidade de pelo menos um terço. Levando em conta que a média de vagas oferecidas por curso é de 60 alunos por sala, em média as salas possuem no máximo 20 alunos. O que demonstra que se a procura pelos cursos não aumentarem ainda é possível que o número de cursos ofertados reduza drasticamente nos próximos anos.

Quanto ao número de concluinte, na última década foram formados 89.949 turismólogos, sendo 2005 o ano com maior número de formandos, com 13.155 alunos. Porém, levando em conta que neste período eram obrigatórios pelo menos 4 anos para conclusão do curso, verificamos uma taxa de evasão da ordem de quase 50%, que é bastante alta, que piora ainda mais a situação dos cursos de turismo, uma vez que muitos já começam com poucos alunos e ainda há esta evasão no decorrer do curso.

Quadro 3 - Cursos de Graduação Presenciais – Matrícula e concluintes 1995 - 2010

Ano	Matrícula	Concluintes
2000	33.916	2.229
2001	48.495	2.781
2002	63.474	6.715
2003	69.909	9.183
2004	69.777	11.424
2005	65.246	13.155
2006	58.461	11.219
2007	53.843	10.885
2008	46.973	9.223
2009	30.159	6.899
2010	30.051	6.236

Fonte: Sinopse Estatística e Microdados do Censo da Educação Superior de 1995 a 2010 MEC/INEP/DEED

3. RESULTADOS DO ENADE 2006 e 2009

A seguir são apresentados os resultados obtidos nos exames do ENADE de 2006 e 2009, anos que foram contemplados o curso de turismo. Todos os dados são compilados dos relatórios disponíveis no sítio eletrônico do Inep. Inicialmente são apresentados alguns dados sobre o número de alunos participantes e sobre as IES e em seguida as médias de desempenho e resultados alcançados.

Em relação ao número de cursos de turismo participantes, no exame de 2006 participaram um total de 398 cursos, enquanto que em 2009 participaram 316, ou seja, houve uma redução de 20,60% nos cursos participantes em apenas 3 anos.

Quanto à categoria administrativa, no exame de 2006, 9,3% eram públicas, num total de 37, e 90,7% eram privadas, com 361 IES. Já no exame de 2009, 16% eram públicas, equivalente a 52 IES, enquanto 84% eram privadas, num total de 264. O que se percebe é que além do avanço da participação das IES públicas frente às particulares em porcentagem, da ordem de 6,7%, em número absoluto verificou-se um crescimento de 40,54% por um lado e um decréscimo da ordem de 26,96% no número de IES particulares.

No que se refere à organização acadêmica, em 2006, dentre o total de IES, 107 eram universidades, 63 centros universitários, 27 faculdades integradas e 201 faculdades, escolas e institutos superiores. Já em 2009 o número de universidades permanece igual, com 107 IES participantes, enquanto o número de centros universitários cai para 46, de faculdades para 158, com a observação que no censo de 2009 não distingue faculdades integradas, escolas e instituto superiores, classificando todos como faculdades, e 2 centros federais de educação tecnológica, que não existia no primeiro exame e faz parte de uma nova política do governo em ampliar este modelo de IES.

Neste item, já é possível perceber que a redução do número de cursos em turismo no país nos últimos anos se dá exclusivamente por conta de centros universitários e faculdades particulares, responsáveis pelo grande aumento dos cursos a partir da década de 90 do século passado, mas que atuam muito mais por uma lógica de “mercado”. É importante destacar também que as IES públicas também sofreram uma expansão, ainda que tímida, por meio dos centros federais de educação tecnológica.

Em relação ao número de participantes, para se fazer uma comparação entre os dois exames é necessário fazer uma ressalva, no primeiro exame havia uma regra na qual o ENADE era realizado por meio de uma amostra, enquanto no segundo exame todos alunos ingressantes matriculados tinham a obrigação de realizar o exame, assim como todos os concluintes com colação de grau a partir do mês de setembro, regra que permanece no próximo exame a se

realizar em 2012., em razão disto serão apresentados os números da amostra e totais do primeiro exame.

Assim, o exame de 2006 contou com uma amostra de 20.404, dos quais 9.666 alunos eram ingressantes e 10.738 concluintes, numa população total de 25.498 alunos, dos quais 11.984 ingressantes e 13.514 concluintes. Todavia, se analisarmos a participação efetiva dos alunos no exame verificamos um número menor, de 16.949 participantes, onde 7.449 eram ingressantes e 9.500 concluintes.. Já os dados do exame de 2009, apenas estão disponíveis o número de participantes e não a população total, que foi um total de 13.197 alunos, dos quais 5.111 ingressantes e 8.076 concluintes.

Levando em conta apenas os dados da população participante nos dois exames, verifica-se uma redução de 22,13% no número de alunos, (considerando que no primeiro exame a amostra é 19,97% menor que a população total, pode-se afirmar que a redução do número de alunos nos cursos de turismo é ainda maior neste período de 3 anos). Se verificarmos os dados em separados, observamos que os concluintes tiveram uma redução, da ordem de 14,98% e os ingressantes da ordem de 31,38%.

Outro dado importante é que além da redução do número dos alunos dos cursos de turismo no Brasil, no exame de 2006 as IES públicas respondiam a 10% do total, enquanto no exame de 2009 representavam 16,45% do total, indicando uma crescente participação das IES públicas no ensino de turismo no Brasil.

Quando olhamos os dados de participação em relação à organização acadêmica, verifica-se que no exame de 2006, um total de 42,02% da população de alunos pertenciam a universidades, 18,6% a centros universitários e 39,60% a faculdades. Já em 2009, temos 51,40% do total da população de alunos que pertenciam a universidades, 13,14% a centros universitários, 35,11% a faculdades e 0,33% a centros federais de educação tecnológica. Dados que indicam uma tendência da consolidação dos cursos de turismo em universidades e a redução da participação das demais organizações acadêmicas.

Todavia se olharmos com mais atenção os dados, em especial de 2009, cujos dados estão mais detalhados, verifica-se que em 28,97% das universidades, não houve a participação de

nenhum aluno ingressante, valor que sobe para 47,82% nos centros universitários e para 48,73% nas faculdades, fator que pode indicar, que o número de cursos e alunos participantes no exame de 2012 poderá sofrer uma grande queda, caso o quadro de redução de alunos não inverta. Associado a este elevado número de IES que não contavam com a participação de nenhum aluno participante, é importante destacar que também uma parcela de 16,13% do total das IES, possuíam números abaixo de 10 alunos participantes, fato que pode levar ao fim de mais cursos, uma vez que números muito baixos de alunos não são bem vistos pelas mantenedoras das IES. Porém é importante destacar que a maioria absoluta dos cursos com nenhum aluno é de IES particulares, com exceção de duas públicas estaduais, a UFRR de Roraima e UFMT do Mato Grosso.

Por fim, no que diz respeito à tipologia dos alunos e IES, do ponto de vista da distribuição geográfica verifica-se que no exame de 2006, dentro o total da população de alunos de cursos de turismo 5,59% eram da região Norte, 20,05% do Nordeste, 51,34% do Sudeste, 15,56% Sul e 7,96% do Centro-Oeste. Já em 2009 7,32% são do Norte, 22,40% do nordeste, 46,43% do Sudeste, 15,76% do Sul e 8,06% do Centro-Oeste. Esses dados nos permite perceber que a região sudeste detinha a maioria dos alunos de cursos de turismo no ano de 2006 e que já em 2009 perdeu essa maioria, ao mesmo tempo em que todas as outras regiões cresceram sua participação. Entretanto é importante observar que se por um lado houve uma espacialização do número de alunos de cursos de turismo neste período, ainda há uma concentração desproporcional localizada no Estado de São Paulo, que sozinho possuía em 2009 mais alunos que qualquer outra região do país junta, apresentado 29,48% do total de alunos.

Já quanto ao desempenho dos alunos nos dois exames do ENADE, podemos observar que em relação a componente de formação geral, no exame de 2006 a nota média obtida pelos alunos de turismo foi de 49,7, sendo que os ingressantes obtiveram uma nota de 48,2 e os concluintes de 51,1. Nota essa que foi a segunda melhor média entre o grupo de cursos² cujo exame foi

² Os cursos obrigados a realizar o exame em 2006 foram: Administração, Arquivologia, Biblioteconomia, Biomedicina, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Comunicação Social, Design, Direito, Formação de Professores (Normal Superior), Música, Psicologia, Secretariado Executivo, Teatro e Turismo.

obrigatório, ficando atrás apenas dos alunos do curso de arquivologia. Já no exame de 2009, a nota média obtida pelos alunos de turismo foi de 42,9, inferior a do exame anterior, enquanto que a nota média dos ingressantes foi de 41,6 e dos concluintes de 44,3. Como não estão disponíveis os dados dos demais cursos em um relatório consolidado, não é possível no momento inferir se essa queda foi generalizada ou específica do curso de turismo. O curso com maior nota neste componente no exame de 2009, no caso dos alunos concluintes, foi o da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e no caso dos ingressantes o da Universidade Federal de São Carlos.

Se formos comparar a média do desempenho na formação geral componente segundo a categoria administrativa, verifica-se que no exame de 2006 os alunos de IES públicas tiveram uma nota superior aos de IES privadas, com uma média de 48,5 para os primeiros e 44,9 para os segundos. Já no exame de 2009 os alunos de IES públicas repetem o melhor desempenho com nota média de 48,4 e os alunos de IES privadas com nota média de 41,9.

Já em relação à média do desempenho na formação geral segundo a organização acadêmica, verifica-se que no exame de 2006 os alunos que frequentavam universidades tiveram a melhor média, com 51,3, seguido dos centros universitários com 50,3 e das faculdades com 48,5. Já no exame de 2009 os alunos que frequentavam universidades também tiveram a melhor média, com 47,18, seguido dos centros universitários com 45,18 e das faculdades com 39,60.

Quanto a componente de conteúdo específico, no exame de 2006 a nota média obtida pelos alunos de turismo foi de 45,2, onde os ingressantes obtiveram uma nota de 41,5 e os concluintes de 48,5. Nota essa que foi a terceira melhor média entre o grupo de cursos cujo exame foi obrigatório, ficando atrás apenas dos alunos do curso de Psicologia e Design. Já no exame de 2009, a nota média obtida pelos alunos de turismo foi de 54,3, superior a do exame anterior, enquanto que a nota média dos ingressantes foi de 50,7 e dos concluintes de 57,8. O curso com maior nota neste componente no exame de 2009 no caso dos alunos concluintes foi o da Universidade Federal de São Carlos e no caso dos ingressantes o do Instituto Esperança de Ensino Superior do Pará (com a ressalva que houveram apenas 2 participantes) seguido da Universidade Federal de Pernambuco..

Se formos comparar a média do desempenho geral no componente de conteúdo específico segundo a categoria administrativa, verifica-se que no exame de 2006 os alunos de IES públicas tiveram uma nota superior aos de IES privadas, com uma média de 51,6 para os primeiros e 44,5 para os segundos. Já no exame de 2009 os alunos de IES públicas repetem o melhor desempenho com nota média de 58,4 e os alunos de IES privadas com nota média de 54,2.

Já em relação à média do desempenho geral no componente de conteúdo específico segundo a organização acadêmica, verifica-se que no exame de 2006 os alunos que frequentavam universidades tiveram a melhor média, com 46,9, seguido dos centros universitários com 45,4 e das faculdades com 44,0. Já no exame de 2009 os alunos que frequentavam universidades também tiveram a melhor média, com 47,18, seguido dos centros universitários com 45,18 e das faculdades com 39,60.

Quadro 4 – Resumo Resultados ENADE 2006 - 2009

Ano do Exame	Formação Geral	Conteúdo Específico	Diferença (%)
2006	49,7	45,2	- 9,0%
2009	42,9	54,3	+ 26,5%

Fonte: Resultados do ENADE 2006 2010 MEC/INEP

Quanto ao conceito ENADE, no exame de 2006, um total de 235 cursos obtiveram conceitos de 1 a 5 e outros 163 cursos ficaram sem conceito (SC), classificação dada àqueles cursos que não reúnem condições que possam estabelecer o cálculo do mesmo, como quando a nota média nos componente formação geral e/ou no componente conteúdo específico for igual a zero, ou, quando nenhum ou apenas um participante concluinte realize a prova. Do total dos cursos com conceitos válidos 29,8% obtiveram conceito 1 e 2, 50,6% conceito 3 e 19,6% conceito 4 e 5. Já no exame de 2009, um total de 280 cursos obtiveram conceitos de 1 a 5 e outros 36 cursos ficaram sem conceito. Do total dos cursos com conceitos válidos 17,3% obtiveram conceito 1 e 2, 44,28% conceito 3 e 38,56% conceito 4 e 5, ou seja, verificou-se uma melhoria significativa na avaliação quase dobrando o número de cursos com os melhores níveis de avaliação e, por outro lado, reduzindo a metade os com avaliação pior. O curso com maior conceito no exame de 2009, foi o da Universidade Federal de São Carlos.

Quadro 5 – Resumo Conceito ENADE 2006 – 2009

Ano do Exame	Conceito 1	Conceito 2	Conceito 3	Conceito 4	Conceito 5	Sem Conceito
2006	6	64	119	32	14	163
2009	8	40	124	86	22	36

Fonte: Resultados do ENADE 2006 2010 MEC/INEP

Já o conceito IDD, assim como no conceito ENADE do exame de 2006, um total de 235 cursos obtiveram conceitos de 1 a 5 e outros 163 cursos ficaram sem conceito (SC). Do total dos cursos com conceitos válidos 31,7% obtiveram conceito 1 e 2, 40,4% conceito 3 e 27,9% conceito 4 e 5, demonstrando um resultado superior ao conceito ENADE. Já no exame de 2009, os dados disponíveis na planilha do MEC não apresentam o conceito IDD, apenas a nota IDD e ainda assim de apenas 94 cursos, impossibilitando uma comparação mais precisa deste componente.

Finalmente ao analisar o CPC do exame de 2009, já que o conceito não se aplicava ao exame de 2006, verificamos que do total de 316 cursos que participaram da avaliação 162 ficaram sem conceito, equivalente a 51,26% dos cursos, enquanto 1 curso ficou com conceito 1, ou 0,31% do total, 41 cursos com conceito 2, ou 12,97%, 78 cursos com conceito 3, ou 24,68%, 32 cursos com conceito 4, ou 10,12% e 2 cursos com conceito máximo 5, ou 0,63% do total. O curso com maior CPC no exame de 2009, foi a Universidade Federal de São Carlos, seguida da Universidade Federal de Minas Gerais, únicas IES que obtiveram conceito 5.

Entendendo que o CPC é o conceito adotado pelo MEC mais abrangente em termo de avaliação de cursos superiores, levando em conta outros dados que simplesmente a avaliação com os alunos, verifica-se que menos de 11% do total dos cursos avaliados possuem conceito de grau ótimo ou excelente, que equivale em números reais a apenas 34 IES. Destas, a maioria, 58,82% são instituições públicas e 41,17% privadas e 78,12% são universidades, 17,64% são faculdades e 8,82% são centros universitários. Resultado que nos permiti inferir que a maior parte das IES que oferecem cursos de ótima e/ou excelência qualidade é composta por universidades públicas.

Por outro lado, daquelas que obtiveram um CPC menor ou igual a 2, considerados de má ou péssima qualidade, equivalente a 42 IES, um total de 85,71% são privadas e apenas 14,28% são públicas e 71,42% são faculdade, 23,80% são universidades e 4,76% são centros universitários.

Resultado que nos permitiu inferir que a maior parte das IES que oferecem cursos de má e/ou péssima qualidade é composta por faculdades privadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os dados referentes a educação superior em turismo entre os anos 2000 e 2010, bem como os resultados dos exames do ENADE de 2006 e 2010, verifica-se que embora o número de cursos de graduação em turismo presencial tenha crescido até o ano de 2007, na verdade os índices apontam uma redução do número de alunos interessados no curso desde 2002, e a cada ano este número tem reduzido, a exceção do número de ingressante em 2010, que dependendo dos novos dados, poderá confirmar se houve uma estabilização na procura por cursos superiores de turismo ou não.

Quando olhamos os dados dos dois exames do ENADE, o que mais se destaca, em especial no primeiro exame é o número de IES que ficaram sem conceito, o que refletiu no fechamento de um grande número de cursos no período entre os dois exames, número este bastante menos no segundo exame, mais ainda alto, mostrando que ainda poderá haver uma redução maior dos cursos, a se comprovar no exame de 2012. Todavia, considerando que os resultados do exame de 2009 foram melhores que o de 2006, podemos concluir que em parte houve uma “seleção” da oferta de cursos com base na qualidade do “produto” ofertado, com uma redução do número de IES na faixa de conceito 1 e 2, estabilização daqueles na faixa de conceito 3 e aumento dos cursos na faixa de conceito 4 e 5.

Porém, quando olhamos o CPC, instrumento de avaliação adotado pelo MEC, que pretende ser mais completo e abrangente, verificamos que o número de cursos na faixa de conceito 4 e 5 ainda é bastante reduzido, sendo apenas 2 com o conceito máximo.

Com este trabalho, espera-se ter um panorama mais amplo da realidade da educação superior presencial em turismo no Brasil, e provocar uma discussão sobre os fatores que tem levado está redução no número de cursos e alunos no país, para que os profissionais da educação no setor levantem questões como: se realmente há uma oferta excessiva de cursos; se a qualidade

dos mesmos é condizente a realidade do mercado; se o currículo atendem as necessidades atuais, etc.

Também busca estimular a produção de trabalhos no campo da formação superior em turismo, uma vez que com os dados disponíveis no MEC/Inep, é possível aprofundar ainda mais os estudos quer seja a nível nacional, regional ou local, bem como expandir para educação a distância e de áreas afins de turismo, traçando um verdadeiro mapa da educação superior em turismo no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSARAH, Marília, REJOWSKI, Miriam. **Panorama do ensino em turismo no Brasil. Graduação e Pós Graduação.** *Turismo em análise.* São Paulo: CRP/ECA/USP, volume 7, número 7, maio 1996, p.36-61.

BRASIL. MEC/INEP– Ministério da Educação/Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Exame Nacional de Cursos – Enade 2005.** Resumo Técnico. Brasília, DF: MEC/Inep, 2006.

_____. **Resultados do ENADE 2006 e 2009.** Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/planilhas-enade>>. Acesso em: 05/05/2012.

BRASIL. MEC/INEP/DEED – Ministério da Educação/Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Diretoria de estatísticas Educacionais. **Sinopse Estatística e Microdados do Censo da Educação Superior de 1995 a 2010.** Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/default.asp>>. Acesso em: 10/05/2012.

DENCKER, Ada de F.M. **.Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de turismo** . São Paulo: Aleph, 2002.

_____. **Estado e Educação no Brasil: O Caso do Ensino de Turismo.** Trabalho apresentado ao NP Comunicação, Turismo e Hospitalidade, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom – Brasília, 2006.

MATIAS, Marlene. **Turismo: formação e profissionalização – 30 anos de história.** São Paulo: Manole, 2002.

_____. **Turismo: O ensino de graduação no Brasil.** *Turismo & Sociedade.* Curitiba: volume 5, número 1, abril de 2012, p. 58-81.